Comemadre

Comemadre

Roque Larraquy

Tradução de
Sérgio Karam

SANATORIO TEMPERLEY

TEMPERLEY (F. C. S.)

Establecimiento especial para el tratamiento del CÁNCER y Enfermedades de la Sangre.

Es evidente que el CÁNCER se cura por completo con el Suero Anti-Canceroso del Profesor Beard, de la Universidad de Edimburgo (Inglaterra).

El Suero Anti-Canceroso se aplica en los Hospitales principales de Europa, los Estados Unidos y el «Sanatorio Temperley» con sorprendentes resultados.

El «Sanatorio Temperley» es el único establecimiento autorizado por el Doctor Beard para la aplicación de este tratamiento en la República Argentina.

Las consultas son gratuitas de 10 á 12 a. m. y deben dirigirse al "Sanatorio Temperley", Temperley F. C. S.

En la capital pueden obtenerse informes en Bolivar, 332, de 1 á 3 p. m.

O que predomina em toda alteração é a persistência da matéria velha:
a infidelidade ao passado é apenas relativa.
Ferdinand de Saussure. Curso de linguística geral.

A classe média salva a Argentina.
Seu triunfo será no mundo todo.
Psicografia profética de Benjamín Solari Parravicini, 1971.

1907
Temperley
Província de Buenos Aires

1

Há pessoas que não existem, ou quase, como a senhorita Menéndez. A *enfermeira-chefe*. Ela cabe inteira no espaço destas palavras. As mulheres em quem ela manda cheiram e se vestem do mesmo modo, e nos chamam de *doutor*. Se um paciente piora por causa de algum esquecimento ou de uma injeção a mais, elas logo se fazem presentes: existem no erro. Menéndez, ao contrário, nunca erra, por isso é a chefe.

Olho para ela o quanto posso, para encontrar um gesto doméstico, um segredo, uma imperfeição.

Encontrei. São os cinco minutos de Menéndez. Ela se apoia na grade da janela e acende um cigarro. Como não costuma erguer os olhos, não se dá conta de que a observo. Faz uma cara de quem não está pensando, de garrafa vazia. Fuma durante cinco minutos. Neste lapso de tempo, não consegue terminar o cigarro e o deixa pela metade. Seu esbanjamento, seu luxo particular, é apagá-lo com o dedo úmido de saliva e atirá-lo no lixo. Só fuma cigarros novos. Assim entra no mundo todos os dias, à mesma hora, e existe o tempo suficiente para que eu me apaixone por ela.

Meus colegas são numerosos e ainda não consigo identificar todos. Há um homem robusto com uma pinta no queixo que sempre me cumprimenta, mas só lembro dele por causa da pinta. Não sei como se chama, nem qual é sua especialidade. Tem uma metade do rosto mais caída que a outra, e cada vez que fala, não sei bem de quê, fecha um pouco os olhos como se estivesse excitado.

Cada palavra que Sílvia diz é uma mosca que sai de sua boca, e deveria se calar para não aumentar o número de moscas. Eu a submerjo em água gelada. Quando retiro a mão, ela põe a cabeça para fora, respira e volta a perguntar: "Não veem que as moscas saem de mim?". Que eu não as veja incomoda-a mais do que o frio. Ainda não consigo entender por que me designaram para cuidar dela. Não sou psiquiatra. Seria capaz de assegurar que o único efeito da água gelada é colocá-la em risco de pegar uma pneumonia. Mas o que vale nestes casos é a persistência do delírio, que deveria diminuir com o gelo. Prometo a ela uma cama quente. É preciso tomar nota de qualquer mudança: se prefere ficar calada, se pede para ver a família (não tem família, mas seria um delírio mais saudável), se já não há moscas. Ela as vê se dissipando no teto.

Não pensas coisas de enfermeira. Nestes cinco minutos do teu cigarro, com essa cara de nada, como se não fosses uma mulher, mas teu ofício de mulher, pensas em algo que não é cateter nem soro, coisas que não têm forma.

Aí está. Arrasta uma nuvem de enfermeiras que lhe pedem ajuda, conselhos, histórias clínicas, substâncias de limpeza. Ando todo engomado. Já estou perto. É fácil afugentar a nuvem. Começam a abrir passagem para não violar meu espaço íntimo. Nós, os doutores, ganhamos este direito corporal que as enfermeiras, com seus enemas e termômetros, não respeitam em quase ninguém.

– Menéndez!

– Sim, doutor Quintana?

É adorável ouvi-la dizer meu nome. Dou a ela uma instrução qualquer.

O sanatório fica nos arredores de Temperley, a poucos quilômetros de Buenos Aires. O ponto máximo de atividade se dá no plantão diurno, que recebe uma média de trinta pacientes por dia. O plantão noturno, desolado, está sob minha responsabilidade faz um ano. Meus pacientes são homens que lutam com facas em algum hotelzinho das redondezas e agradecem nossa discrição perante a lei. As enfermeiras os temem. Antes que anoiteça, se vão pelo caminho que atravessa o parque. Não lembro de ter visto Menéndez sair. Ela sempre está. Vive no sanatório? Anoto: perguntar.

A noite chega e não há nada para fazer. É melhor caminhar pelos corredores, procurar alguém para conversar ou para jogar cartas, tentar dar uma forma à noite. Uma enfermeira está apoiada contra a parede com as mãos nos bolsos. Sua companheira olha para o chão.

O doutor Papini vem trotando em minha direção com o indicador na boca, pedindo silêncio. Tem sardas e o costume de manusear os peitos das velhas desmaiadas. Às vezes me faz confidências sobre sua vida; sua falta de pudor, intencional, me dá um pouco de asco. Ele me leva até uma salinha.

– Sabe o que tem no necrotério, Quintana?

– O vinho tinto que esconderam na terça-feira.

– Não, esse já acabou. Demos umas garrafas para a moça da limpeza para que não abra a boca. Venha comigo.

Papini abre uma das gavetas. Retira dela um instrumento antropométrico que comprou há um mês no Paseo de Julio e que, por ordem de Ledesma, nunca pôde usar no sanatório. Está suado, com os olhos esbugalhados, e fede a limão. Isto indica que está feliz, ou que acredita estar feliz. Sua personalidade se baseia neste tipo de coisas.

– Coisas estranhas acontecem, Quintana. As mulheres se fecham no banheiro e usam o bidê por muito tempo. Quando saem, não falam nada. Asseguro a você que neste ritual não há higiene nem masturbação. Eu mesmo abri as pernas da minha esposa, cheirei e nada. Me disse que tinha escovado os dentes. Mas eu a ouvi! A água do bidê faz um ruído inconfundível! Sou incapaz de muitas coisas, amigo, e mais ainda de matar uma esposa. Mas outros conseguem, entende? Eles a obrigariam a confessar, porque neste ritual de águas e louça há uma ameaça para os homens. As mulheres se maquiam para apagar seus traços, se espremem dentro de um *corselet* e têm muitos orgasmos, sabe? Uma quantidade que nos deixaria secos. São diferentes. Saíram de um macaco especial, que antes era uma lontra, que antes foi um anfíbio azulado ou alguma coisa com brânquias. A forma da cabeça também é diferente nelas. Trancam-se no banheiro para poder usar o bidê e pensar coisas molhadas que se adaptem às linhas de seu crânio. A ameaça. Sou um homem bom, não tenho forças para impedir a ameaça. Mas há outros que têm. Pegam as mulheres pelos cabelos e perguntam a elas o porquê de tanto tempo perdido no bidê. E se a mulher não fala, eles a costuram à base de facadas. Estes homens são tão diferentes de nós quanto elas. Saíram de um macaco diferente, de uma escala inferior à do nosso, embora saudável e persistente. No necrotério há um desses. Vamos medi-lo. Vou demonstrar a você que seu crânio corresponde à descrição de um atávico, um assassino nato. Temos que fazer isso agora, porque amanhã já vão levá-lo. Você é inteligente, mas um pouco teimoso. Vou encher você de provas.

– O sujeito matou a mulher porque ela não lhe disse o que fazia no bidê?

– É uma metáfora, Quintana.

Enquanto saíamos em direção ao corredor, lembrei que os banheiros do sanatório não têm bidê: Menéndez não pode me esconder nada. Nem pensamentos molhados nem ameaças. Papini fala cada vez mais rápido, caminhando para o necrotério e deixando seu rastro de limão.

– O chamado salto qualitativo, Quintana. À noite fazemos planos drásticos que, se os concretizássemos, nos mudariam completamente. Mas o plano se dissolve com o dia e a gente volta a ser o medíocre que se obstina em arruinar a própria vida. Não acontece com você? Com estes homens é diferente. Por que acha que continuam existindo, se são inferiores a nós? É uma questão de adaptação: eles *agem*. Aquilo que planejam à noite, executam no dia seguinte. São viciosos também. Se enchem de brilhantina, fedem a tabaco, suam bílis, se masturbam muito e não têm moral, mas têm uma ética, que nem você nem eu podemos compreender, relacionada com nossa aniquilação. Entende?

– Como saber se usam muita brilhantina?

– Você me interpreta muito literalmente, Quintana.

Entramos no necrotério, o lugar mais bem iluminado do sanatório. Com suas sardas, Papini parece um adolescente desgrenhado. Se existem estes homens que acabou de me descrever, ele é um deles. O corpo está sobre a bancada. Menéndez nunca pode me ver sob esta luz.

– Seus companheiros de cela o enforcaram. Não vê a expressão em seus olhos, e a cor? E aí está a linha roxa no pescoço. Olhe esta fronte, como é estreita. Crâneo assimétrico, pequeno em relação à média caucasiana, com convexidade na região temporoparietal direita. As ideias deviam lhe chegar apertadas.

De quanta energia facial se precisa para mover esta mandíbula? Compare, Quintana. Você não é exatamente bonito, mas tem as feições no lugar. As bolas eu não sei, mas você deve saber, não? Cada um que faça o que quiser com suas bolas. Olhe para ele: o olho esquerdo está três ou quatro milímetros abaixo do direito, as orelhas são enormes, os caninos inferiores mais desenvolvidos que os superiores. Não mastigava, destroçava a carne. Levante o pé dele, Quintana, dobre o joelho. Vê? Um pé preênsil. Um homem com uma cabeça pequena, para não se complicar, peludo, com dentes capazes de partir um fêmur com uma mordida… Você se dá conta? Em alguns anos seremos capazes de identificar estes animais recém-saídos de suas mães e de lhes esvaziar os colhões, se forem homens, ou arrancar-lhes o útero, se forem mulheres.

– Por que não matá-los de uma vez?

– Você não me leva a sério, Quintana.

– Não gostaria de ser descortês, Papini. Este homem é um caso isolado.

– Então vamos medir você e sua cabeça dura. Ou procuramos outra pessoa para comparar.

– Vamos medir a senhorita Menéndez.

Entra em minha sala acompanhada por Papini. Sabe que este encontro não diz respeito a seu trabalho. Pode-se ver isso em sua cara, que não é a sua, e em seu corpo, atirado para trás.

As explicações são poucas, imprecisas. Ela entende que sua cabeça está em jogo, mas não sabe que Papini espera encontrar uma criminosa (ou não, qualquer resultado seria válido) e que eu espero encontrar uma esposa. Senta-se numa cadeira e se deixa medir. Tem a pele muito branca, olhos claros e o nariz ligeiramente inclinado. Sua reação diante da dor (Papini está espetando um de seus dedos) é modesta.

Não me atrevo a falar com ela. Que espécie de macaco se esconde na senhorita Menéndez? Eu acho que nenhum. Estou disposto a crer que tem um passado anfíbio, mas só isso.

Olho pela janela. De uma fenda na parede sai uma fila de formigas. Avançam delimitando um círculo amplo. As primeiras permanecem em seus limites e o resto preenche os espaços vazios do círculo até que na parede não haja fenda nem formigas, mas uma mancha quitinosa e quebradiça de patas. Suponho que essa circularidade seja a sua visão do mundo.

Encontro Sílvia sentada na cama. Pede-me que abra a janela e pergunta como está o tempo. Faz frio. A notícia a deixa contente: as moscas fogem do frio. Continua falando sobre moscas. Penso, entre parênteses, em Menéndez. As duas linhas curvas vão se fechando em minha cabeça. E assim se fecham Menéndez em minha cabeça e minha cabeça nos parênteses…

Deveria permitir estas intromissões, estas fantasias? Será saudável? Nem sequer conheço seu primeiro nome. Por que me ruborizo? Não tenho vergonha?

É preciso trocar de macaco. Fazer de dia o que se planejou à noite.

– Você já se apaixonou, Sílvia?

Está falando algo sobre abrigar-se com as moscas, mas aceita a troca de assunto com naturalidade.

– Sim, me apaixonei.

– Por quem?

– Prefiro não lhe contar, doutor.

– Era um amor recíproco?

– Sim.

– E o que este homem fez para dizer que gostava de você?

– Me disse: "Sílvia, penso em você".

– Ele mentiu.

Onde está ela? Tem que ser agora. Antes que eu não saiba mais o que lhe dizer. Não é que já o saiba, mas tenho o impulso. O médico com a pinta no queixo me diz que Menéndez está no sanatório, mas não sabe onde, e que se estiver em seu quarto é melhor que não a incomode.

Como pode morar num sanatório?

Eu a vejo entrar no escritório de Ledesma e caminho magnetizado em sua direção, apenas para que algum insolente ali dentro, ou ela mesma, feche a porta na minha cara.

Lembram-me que há uma reunião especial. Juntamo-nos diante da porta do escritório de Ledesma. Como os outros, tenho que esperar. Meus colegas amontoados. O doutor Gigena é um entusiasta, usa óculos e dizem que é o preferido dos pacientes porque os distrai contando piadas ao aplicar as injeções. Os doutores Gurian e Sisman são de opinião que a insistência de Gigena em se comportar como um tio dos doentes desmerece seu trabalho como profissional. Papini faz uma piada sobre isso.

Chegam outros médicos. Nossas barrigas começam a se roçar, os botões se engancham uns nos outros, os bigodes se erguem, magnetizados. Continuaríamos assim, amassando-nos dissimuladamente para mitigar a espera, mas a chegada de Mr. Allomby, de quem dependem nossos salários, nos deixa tensos. Não é frequente vê-lo no sanatório. A reunião é mais importante do que pensávamos. É hora de pensar em nossos erros, em nosso rabo de palha, e talvez nos prepararmos para a forca.

Alguém o cumprimenta em inglês, com uma pronúncia horrorosa. Com medo de sujar-lhe a aura, encolhemos a barriga e nos amontoamos ainda mais. Mas, desta vez, não ao mesmo tempo, de modo que um retardatário tropeça nos pés de um outro e os dois caem contra a porta do escritório. A porta cede.

Vemos Ledesma de quatro embaixo de sua mesa de trabalho. Alguns de nós pensamos que ficar de quatro numa estação ferroviária é algo reprovável, mas fazer isto a sós e em seu próprio escritório não traz qualquer prejuízo ao homem de bem. Outros, ao contrário, avaliam a possibilidade de lhe dar um apelido, de não acatar suas ordens e de solicitar sua renúncia por comportamento inadequado. Esta diferença de opiniões sobre a cena nos deixa incomodados. Contemos a respiração até que Ledesma se sente observado. Gira a cabeça e olha para nós.

– Não está *no hora* ainda – diz Mr. Allomby, fechando a porta.

Ledesma e Mr. Allomby estão sentados à mesa. Os mais humildes se posicionam perto deste foco de autoridade, com o corpo inclinado em busca de aval e proteção. Os mais seguros de nós sentam longe, com o corpo dominado e a pança orgulhosa.

– Conseguiu agarrá-lo, Menéndez? – pergunta Ledesma em voz alta.

Menéndez entra na sala com um pato barulhento nas mãos. É uma entrada e tanto. Muitos de meus colegas a olham pela primeira vez, demoradamente. Ela está existindo por ordem do diretor.

– Deixe-o em cima desta mesinha – diz Ledesma.

O vidro da mesinha faz com que o pato resvale. Quando consegue se equilibrar, volta à neutralidade típica de sua espécie. A seu lado há uma caixa de madeira de tamanho médio. No centro da tampa superior, que se abre em duas metades, há um amplo orifício circular, rodeado pela palavra *ergo* talhada em caracteres latinos. Embaixo da tampa há uma lâmina que se dispara horizontalmente com a força e a velocidade de uma balestra. Nas laterais, com os bustos de Luís XVI e Maria Antonieta em relevo, lê-se *cogito* e *sum*, respectivamente. É claro que as palavras e

as figuras têm um propósito alegórico, o que entorpece a beleza do conjunto.

– Nosso pobre pato cartesiano – diz Ledesma, sorridente.

Ledesma introduz o pato na guilhotina através de uma porta na parte inferior, encaixando sua cabeça no orifício. Sem aviso, ativa o dispositivo. A lâmina corta a uma velocidade tal que não derrama uma só gota de sangue. A cabeça do pato cartesiano permanece sobre a palavra *ergo*. Parece não ter sentido nada. Olha para nós. Ou pensa coisas de pato. Continua assim por vários segundos, grasnando de vez em quando, até que seus olhos e sua incursão pelo mundo se fecham.

Não consigo ver se Menéndez está prestando atenção ou se prefere olhar para o outro lado, mas de qualquer maneira é ela quem retira o cadáver, envolvendo-o num pano limpo, antes de sair.

– Que fique suculento, por favor – pede Ledesma.

Esperamos por uma explicação.

– Tomem isto como um exemplo – diz Ledesma.

– O que quer nos dizer? Que temos que pagar o pato? Está pensando em diminuir o pessoal? Cabeças vão rolar, é isto que quer nos dizer?

– Não, Papini – diz Ledesma. O motivo desta introdução, que espero tenham sentido como sonhadora e atípica, está nestes papéis que vou ler para vocês agora mesmo.

Antes da guilhotina, a pena de morte era um espetáculo público com personagens fixos: o carrasco, o condenado e o povo. O final, invariável, não amenizava o efeito da representação, ao mesmo tempo catártico e didático.

A invenção da guilhotina converte a pena de morte numa técnica. A figura do carrasco se reduz a sua expressão mínima, a do operário de uma máquina. A estrita funcionalidade do novo método não deixa lugar para o estilo.

Os carrascos, no entanto, resistem a abandonar seu gesto ritual característico, o de levantar a cabeça do decapitado e mostrá-la aos espectadores assim que terminada a tarefa.

a) O carrasco oferece uma prova cabal de seu bom desempenho, não por orgulho pessoal, mas para acumular méritos e obter recompensas.

b) O povo tem uma verdadeira devoção pelas orações simples e categóricas. A cabeça equivale a um ponto final que deixa todos satisfeitos. O carrasco como aforista.

Os itens a) e b) parecem esgotar as explicações possíveis do ato. Mas o carrasco conhece o abecedário da morte do princípio ao fim. Do item c) em diante, existem razões mais íntimas que envolvem um favor, ou uma concessão, ao condenado. É nisto que se baseia a rebeldia secreta do carrasco.

Um fato desconhecido por aqueles que não praticam o ofício é que a cabeça, separada do tronco, permanece consciente e em pleno uso de suas faculdades durante nove segundos. Ao levantar sua cabeça, o carrasco entrega a sua vítima uma derradeira e minguante visão do mundo. Ao fazê-lo, não apenas contradiz a ideia mesma de castigo como converte o próprio público em espetáculo.

Para que o decapitado permaneça lúcido, é preciso cumprir uma série de normas.

a) Deve estar desperto no momento de sua decapitação. A execução deste item é diretamente proporcional a sua coragem.

b) Deve olhar para o fio da lâmina, ou seja, para o céu. Isso não é nenhuma metáfora de um reencontro com a fé, mas uma deliberação de ordem prática. Aqueles que recebem a lâmina com a nuca desmaiam com seu impacto.

c) Lugar do corte. Nos homens, abaixo do pomo-de-Adão. Nas mulheres, acima da marca do rosário. Evitar cortes oblíquos.

d) É preferível um público barulhento, que estimule os sentidos do decapitado.

Estas normas, e outras de natureza mais sutil (se for mulher, orientar seu olhar na direção oposta à da multidão), são transmitidas pelos carrascos a seus filhos, como uma maneira de instruí-los em sua futura tarefa. O segredo os deixa em regozijo numa terna cumplicidade, e se repete de geração em geração, como a vestimenta negra.

O pato e a leitura nos deixam em silêncio. Ledesma explica que se trata de um estudo realizado na França por um exímio médico forense, traduzido para o espanhol de uma tradução ao inglês realizada pelo próprio Mr. Allomby a partir do original em francês. Menéndez nos entrega uma cópia datilografada com o nome de cada um indicado à margem. Meu sobrenome está mal escrito: Qintana, sem o "u".

– Admito que, quando isto chegou a minhas mãos – prossegue Ledesma –, eu o li sem vontade. A intenção de Mr. Allomby ao me mostrar o documento era saber se a hipótese podia ser corroborada mediante métodos científicos.

– Que hipótese? – pergunta Gurian. Os nove segundos de consciência? O que a cabeça pode perceber? Que hipótese?

– A primeira é muito fácil de comprovar, basta ver o nosso pato. Claramente eu estava me referindo à segunda. Concretamente, Mr. Allomby estava me pedindo um favor e eu não podia me negar a fazer a experiência, mesmo que estivesse muito cético a respeito. Trabalhei um ano inteiro neste assunto. E, vejam vocês, que grata surpresa, descubro que a hipótese pode ser demonstrada.

Alguém, mais submisso, pergunta de que maneira.

– Antes disso quero que formulem suas dúvidas. Da esquerda para a direita, por favor.

– Faltam dados e referências. Em que se baseia o francês para dizer o que diz? – pergunta Gigena.